



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPEG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* - ESPECIALIZAÇÃO

Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica

CAMPUS CERRO LARGO

MARISTELA MÜLLER

O Docente (em)cena

Uma Prática Pedagógica Interdisciplinar e Artística

CERRO LARGO - RS

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPEG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* - ESPECIALIZAÇÃO

Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica

CAMPUS CERRO LARGO

MARISTELA MÜLLER

O Docente (em)cena

Uma Prática Pedagógica Interdisciplinar e Artística

Monografia realizada como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica, pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Orientador: Prof. Dr. Deniz Alcione Nicolay

CERRO LARGO - RS

2013

Agradecimentos

O sorriso. A gargalhada espontânea. A exultação de estar próximo de pessoas queridas. Foi um... quase dois anos de relações, conhecimentos, ensino, aprendizagem, angustias e alegrias. Agradeço por esses momentos intensos de convivência com queridos amigos e amigas que lembro com frequência e lembrarei constantemente, por isso agradeço aos colegas com muito carinho por essas ocasiões significativas. Paula, Vera e Letri, amo vocês, por tudo o que são e representam para mim. Agradeço a minha família que colabora com o cuidado e educação da minha filha Nicole nos momentos em que não estou presente. E, agradeço especialmente ao meu Orientador Dr. Deniz. Através de você meus olhos puderam visualizar uma docência artística. A partir de você, a paixão que sentia pela arte passou também a ser uma paixão pela docência e por refletir a docência por meio de autores malditos. Viva a uma Pedagogia cada vez mais Profana.

O Docente (em)cena

Uma Prática Pedagógica Interdisciplinar e Artística

Resumo

No presente trabalho explora-se a docência de maneira artística e o professor em frequente convergência com o ator, pois representa constantemente outros papéis e interpreta constantemente outros saberes. Chega-se a essas constatações a partir da reflexão sobre uma prática pedagógica grupal específica, ocorrida no curso de Pós-graduação em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas, mas também a partir da prática pessoal no dia-a-dia na escola. Como se trata, ao longo do trabalho, da explanação de uma prática ocorrida, a escrita a seguir encontra-se pontuada cronologicamente sob três principais focos de reflexão. O primeiro capítulo aponta o roteiro da pesquisa criado e que embasou teoricamente na prática docente. O segundo capítulo apresenta os principais momentos e falas ocorridas nessa prática pedagógica descrita sob a forma de uma peça teatral. Já o terceiro capítulo reflete sobre o docente em cena, quando o professor e a professora desenvolvem sua aula objetivando ensinar de maneira artística, interpretando diferentes personagens e saberes. Cabe ressaltar que são poucos os momentos que se fala diretamente em interdisciplinaridade, mas é possível perceber que ela permeou todo esse processo de pesquisa, da prática dessa pesquisa na ação docente e nas reflexões a cerca da docência.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Práticas Pedagógicas; Docência.

The Teacher on the scene

A Pedagogical Practice Interdisciplinary and Artistic

Abstract

In this paper we explore the artistic way of teaching and teacher in frequent convergence with the actor, as is constantly plays other roles and other knowledge constantly. Arrive at these findings from the analysis of a specific pedagogical practice group, which occurred in the course of Postgraduate Interdisciplinary and Pedagogical Practices, but also from the practice staff in to day at school. As it is, throughout the work, the explanation of a practice occurred, then the writing is punctuated chronologically under three main foci of reflection. The first chapter outlines the research created the script and that based theoretically on teaching practice. The second chapter presents the key moments and speeches occurred in this pedagogical practice described in the form of a play. The third chapter reflects on the teacher on the scene when the teacher and the teacher develop their classroom teaching aiming artistically, playing different characters and knowledge. Note that there are few moments that speak directly about interdisciplinarity, but you can see that it permeated the entire process of research, the practice of this research in teaching activities and reflections about the teaching profession.

Keywords: Interdisciplinarity; Pedagogical Practices; Teaching.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	p. 05
INCURSÕES INICIAIS	p. 06
1 – O ROTEIRO: RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES SUSSITADAS A PARTIR DA TEMÁTICA DA MORTE	p. 08
2 – CENAS DE UMA AULA ARTISTADA	p. 14
3 – O DOCENTE (EM)CENA	p. 28
ATOS FINAIS	p. 32
REFERÊNCIAS	p. 34

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 01** p. 15
Desenho sobre fotografia. Entrada da porta da capela da UFFS
- FIGURA 02** p. 16
Desenho sobre fotografia. Familiares e amigos recebendo as condolências.
- FIGURA 03** p. 17
Desenho sobre fotografia. Imagem do morto.
- FIGURA 04**..... p. 26
Desenho sobre fotografia. Participantes da Prática Pedagógica.

INCURSÕES INICIAIS

O presente trabalho desenvolvido para o curso de Pós-graduação *Lato sensu* em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica pretende apresentar um processo de pesquisa e prática docente, realizada em grupo, transitando por vias interdisciplinares.

A proposta que originou o trabalho foi lançada no componente curricular: Práticas Pedagógicas II, do referido curso de Pós-graduação. Uma disciplina ministrada pelo Professor Luiz Fernando Gastaldo e a Professora Danusa de Lara Bonoto. A proposta consistia, basicamente, em criar teoricamente e realizar na prática uma aula interdisciplinar em grupo. Nosso grupo foi composto pelos colegas: Adriano, Aniebe, Bruno, Cleber, Delmar, Eva, Paula, Vera e Maristela.

O grupo se reuniu, primeiramente, no espaço cedido pelo professor e pela professora dentro do componente curricular, onde decidimos o tema, elaboramos o problema e escolhemos a turma qual atuar. Realizamos pesquisas, reuniões, escrevemos o projeto, ensaiamos, juntamos material, objetos para a aula e organizamos o espaço a ser utilizado, entre muitas outras ações que poderão ser percebidas ao longo do texto. O presente trabalho de conclusão de curso apresenta uma reflexão desse processo de pesquisa, prática e avaliação na experiência da atuação docente.

Para não se tratar apenas de um relato de experiência optou-se por realizar a escrita do trabalho sob a perspectiva teatral. Onde o professor ensaia, pesquisa e entra em cena interpretando diferentes personagens, comunicando, aprendendo e ensinando diferentes saberes. Nesse sentido, o texto encontra-se dividida em três principais partes: O roteiro; As cenas; O docente (em)cena.

O primeiro capítulo apresenta: O Roteiro. Assim como no teatro, o roteiro ou diretriz de trabalho foi o projeto elaborado pensando na pesquisa e na prática docente. O roteiro possui como tema as relações interdisciplinares suscitadas a partir da temática da morte. No primeiro capítulo, além do tema, é possível ler sobre o problema, justificativa, metodologia, objetivo, avaliação e outras características da pesquisa que embasou a ação.

O segundo capítulo apresenta: As cenas de uma aula artistada. Seguindo as vias do teatro, esse capítulo é escrito em forma de uma peça teatral sobre a ação

docente, ou seja, as práticas pedagógicas e as falas ocorridas na aula. Nesse capítulo, apresentam-se os professores/atores colegas do grupo, em seus personagens representados, suas falas permeando os temas escolhidos (morte e interdisciplinaridade), e a ação com os estudantes/público participante. Uma escrita que não pretende apresentar apenas pontos positivos de um relato de experiência docente, mas sim situações que ocorreram durante a aula encenada por pessoas reais, que sentem, percebem, compreendem, possuem dúvidas, são curiosas, interrogam, participam, choram, riem e vivem, ou seja, a vida e a morte literalmente apresentadas.

O terceiro capítulo reflete sobre: O docente (em)cena. Compreende-se como cena a ação representada ao público/estudante que gera algum impacto. Assim, o docente (em)cena converge com o ator. Aquele que está em cena, que cria, interpreta, encena, age, experimenta, estuda, ouve, fala, representa, encanta, canta, dança, brinca, se entristece, ri, interpreta constantemente outros personagens e vive constantemente outros saberes em uma docência artística.

Um conjunto de roteiro, cenas e reflexão sobre a ação docente, da pesquisa a prática, buscando o caminho interdisciplinar na educação. Não como o único caminho, nem o mais plausível, mas como um percurso possível e enriquecedor.

1 – O ROTEIRO: Relações Interdisciplinares Suscitadas a partir da Temática da Morte

Apresentação do Tema

Para escolher um tema de projeto, a fim de que seja realizada a atuação docente, é necessário que haja satisfação em escrever, ler e refletir sobre determinado assunto. Além disso, cabe analisar qual o público alvo, ou seja, quem são os estudantes envolvidos para que o tema também interesse a eles.

Levando em consideração estes aspectos, escolheu-se dois principais temas que nortearam o projeto e a prática. O primeiro se refere à Interdisciplinaridade, já que a proposta partiu do componente curricular Práticas Pedagógicas II do Curso de Pós-graduação em Interdisciplinaridade. O segundo tema escolhido pelo grupo refere-se à morte, tema esse que suscitou questionamentos, interesses, dúvidas e interações com os estudantes do 3º trimestre do Curso de Licenciatura em Ciências da UFFS. A Atuação docente aconteceu em forma de curso/aula na noite de 28/09/2012, totalizando 4 horas aula.

Justificativa

A maior dificuldade sentida pelo grupo foi nos momentos de indefinição do tema a ser trabalhado. As discussões iniciais deixavam claro nosso intuito de focar o principal mote do curso que é a interdisciplinaridade. No entanto, queríamos mais. Tratar da interdisciplinaridade sim, mas a partir de um outro tema que fosse instigante também para a turma do Curso de Licenciatura em Ciências da UFFS. Pensamos em diferentes temas dos quais tiveram maior força a questão do lixo e meio ambiente e o outro tema era o corpo. Aprofundando a reflexão sobre o corpo houve uma interrogação: “E se falássemos sobre a morte?” Imediatamente o grupo concordou, explanou o tema, idéias para a aula prática e começaram as pesquisas sobre questões circundantes a morte sob diferentes perspectivas e áreas do conhecimento, como também objetos para a construção do cenário.

Para que a interdisciplinaridade entrasse em discussão pensou-se em iniciar a aula prática através de outro tema, ou seja, a morte. A ideia de trabalhar a questão da interdisciplinaridade de forma prática vem de um desejo consensual do grupo, uma vez que este se encontra em pleno processo de pesquisa acerca de tal temática. Ao mesmo tempo, trata-se de um desafio, pois até o presente momento, nossas reflexões não haviam extrapolado a esfera teórica.

Outro motivo que nos inclinou a tal atividade é a busca pelo interesse de futuros professores e professoras para a pesquisa e experimentações com projetos interdisciplinares. Pretendem-se, de algum modo, contribuir com o processo de formação dos estudantes do Curso de Ciências que nos acompanharão na etapa prática deste projeto. Contudo, não se pretende fazer uma exposição teórica nem apontar metodologias em torno do conceito de interdisciplinaridade. Busca-se agir de forma interdisciplinar, a partir da exploração do tema da morte e demonstrar aos estudantes que uma opção interessante de pesquisa pode ocorrer a partir de diferentes áreas do conhecimento.

Neste momento é que entra em cena a temática da morte. Considerada por muitos um dos maiores mistérios da humanidade. Não raro ouvimos em conversas informais que a única certeza da vida é a morte. Porém, esta é uma certeza que carrega consigo as mais diversas dúvidas não respondidas. São tantas as perguntas e uma única certeza: da morte ninguém escapa. Muito já se pesquisou e especulou a respeito da finitude da vida. Provavelmente todas as áreas da ciência já se preocuparam com a questão. Portanto, falar da morte é um convite à interdisciplinaridade, desafio a que nos propomos nesta atividade.

Questão Norteadora

O problema de pesquisa se apresenta como uma interrogação complexa tanto em sua elaboração, quanto na tentativa de possíveis respostas. Compreende-se que a pesquisa se constitui a partir de uma indagação. Em busca de respostas de um tema instigante o pesquisador realiza incursões desconhecidas e inusitadas durante o processo de investigação e atuação. Em vista do tema, o problema de pesquisa do presente projeto questiona: Quais as possibilidades de explorar o tema da morte suscitando relações interdisciplinares na prática pedagógica docente?

Objetivo Geral

Explorar com os estudantes as possibilidades de interações interdisciplinares a partir da temática da morte.

Objetivos Específicos

Abordar o tema da morte a fim de gerar discussões interdisciplinares.

Compreender quais as disciplinas e de que maneira podem colaborar para questionar a problemática da morte.

Percebemo-nos como mortais.

Entrelaçar saberes da arte, da filosofia, literatura, biologia, química, história e pedagogia em busca da interdisciplinaridade em uma pesquisa grupal.

Avaliar se foi possível compreender a interdisciplinaridade na atuação do grupo na prática docente.

Metodologia

A Metodologia da pesquisa favorece a organização de um caminho para o processo. Nesse sentido, é uma facilitadora, como um roteiro, mas que pode ser modificado a qualquer momento. Cabe ressaltar que “(...) nenhum método dá conta de captar o problema em todas as suas dimensões”, (ZAGO; CARVALHO; VILELA. 2003, p. 294). Então, deixamos claro que o grupo escolheu apenas um dos diversos caminhos possíveis para a pesquisa e para a operacionalização do projeto em uma aula.

- PROJETO: Durante o período em que o grupo esteve reunido foi possível sugerir uma série de temas que foram se encaminhando para os dois temas atuais, ou seja, a morte e a interdisciplinaridade. Depois do tema decidido pensou-se nas etapas da atuação do grupo enquanto docentes e dividir tarefas de pesquisas e materiais que foram realizadas em casa pelos componentes do grupo e na universidade, onde nos reunimos em diferentes momentos para organização, falar do material, do tema, do ensaio e do papel de cada componente do grupo para a atuação docente.

- PLANO DE AÇÃO: No primeiro momento, o auditório foi reservado para que, enquanto os estudantes estejam entrando para aguardar o início da aula, estará

acontecendo uma cena de velório, encenada pelos componentes do grupo. Velas, flores, caixão, comoção do participantes, amigos, familiares, fotógrafo e o morto. Todos dentro de uma capela que agora é o auditório da UFFS. Quando a maioria estiver presente o morto senta no caixão (onde anteriormente estava deitado) e pronuncia algumas palavras de impacto, em forma de poesia. A partir disso inicia-se uma explanação do tema da morte pelo grupo, assim como questionamentos e impressões dos estudantes. Aqui iremos convidar os estudantes para escolher alguns objetos organizados em cima de uma mesa, por exemplo; um recorte de revista, jornal, poesia, obra de arte, letra de música, sátiras, piadas, filme, epitáfios, crânio e laço preto, objetos que invocam a fala dos estudantes de a fala de um dos participantes do grupo. As falas estão pré-organizadas, mas permitem constantes incursões tanto pelos professores do grupo, quanto pelos estudantes que estiverem no cenário.

Depois desse ato principal, as luzes são apagadas, o “morto” volta ao caixão, apenas algumas luzes são acesas, os participantes do grupo se reúnem ao redor do caixão, e segue o cortejo fúnebre com o violão e as vozes entoando um cântico.

Por último, questionaremos os estudantes (uma espécie de avaliação da compreensão deles e do desempenho do nosso trabalho) sobre: Qual foi o tema trabalhado? Havia apenas um tema ou dois temas norteadores? Qual foi a disciplina que norteou os temas? Quais as outras disciplinas relacionadas? O que entendem por interdisciplinaridade? Quais as áreas de conhecimento e atuação de cada um dos participantes do grupo? Só então, cada participante se apresenta, fala seu nome, de onde vem e esclarece com qual componente curricular trabalha ou a graduação que realizou.

Desenvolvimento do Referencial Teórico

Em busca de um referencial teórico que embase os temas e colabore para refletir sobre a interdisciplinaridade, elencamos, disciplinarmente, o que poderá ser trabalhado durante a atuação docente do grupo no que se refere ao tema “morte”. Cabe salientar que a proposta interdisciplinar não exclui a disciplina, mas pretende a interação entre elas. Os componentes curriculares envolvidos no projeto são:

- História

- Filosofia
- Ensino Religioso
- Biologia
- Artes
- Pedagogia
- Química
- Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade se tornou tendência no Brasil a partir de estudos realizados principalmente por Hilton Japiassú, na área da epistemologia e Ivani Fazenda voltada para a pedagogia e as práticas educacionais.

Falar de interdisciplinaridade para Japiassú (1976) e Fazenda (1995; 2005), é falar da interação entre disciplinas, seus conceitos, diretrizes, procedimentos, metodologias, epistemologias, dados, ensino e pesquisas, no aspecto teórico e prático. Ou seja, a interdisciplinaridade ocorre através das trocas de saberes entre especialistas com a pretensão de religar o conhecimento ao homem e do homem com o mundo. Nesse sentido, Japiassú protesta contra o conformismo das idéias recebidas, adquiridas ou impostas e propõe que se inverta “a marcha do pensamento” (JAPIASSÚ. 1976, p. 15), para um conhecimento amplo sobre o humano, a fim de remediar a patologia do saber.

A prática interdisciplinar envolve pelo menos duas disciplinas, onde os professores se reúnem para escolher um tema a ser pesquisado e trabalhado em uma determinada turma. Cada professor, a partir de sua área de conhecimento poderá realizar a pesquisa do assunto escolhido, para depois ser apresentado ao grupo e, somente mais tarde, trabalhar em sala de aula. Ao longo do processo de pesquisa e de aulas ministradas são realizados outros encontros para registrar as práticas, comentar, avaliar e enriquecer o trabalho, um processo constante de pesquisa, leitura, aprendizagem, registros, encontros, aulas ministradas, conversas, reflexões e avaliações. Ou seja, um processo de trabalho, pesquisa, encontros, relações e avaliações constantes.

Avaliação

A avaliação do processo de pesquisa e da prática docente aconteceu, no mínimo, de três maneiras. Uma avaliação ocorreu no final da aula com os estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências através de uma conversa questionadora sobre os temas abordados, conforme descrito na parte da Metodologia. Outra, foi a avaliação da nossa prática docente por parte dos professores do componente curricular Práticas pedagógicas II, onde surgiu a proposta do trabalho interdisciplinar. E, por último aconteceu uma avaliação, na semana seguinte da prática, onde o grupo se reuniu para apontar suas impressões, lembranças marcantes, pontos positivos, negativos e sugestões.

O Roteiro

Aqui se expôs a primeira etapa, o projeto, o roteiro proposto para ser colocado em prática a partir dos temas da interdisciplinaridade e a morte. Uma etapa repleta de pesquisa, dúvidas e comunicação entre o grupo para organizar a segunda etapa do processo que era a prática pedagógica docente do grupo.

A seguir, no segundo capítulo do trabalho é possível ler como aconteceu a prática docente, as conversas, as apresentações, a pesquisa interdisciplinar sobre a morte e a organização da aula executada pelo grupo. A segunda parte será apresentada em forma de teatro. Um teatro aberto para a participação do público/estudante. Explanação de uma prática pedagógica interdisciplinar e artística que não se fecha em um relato de experiência, mas se abre para diferentes interpretações, relações teóricas, diferentes possibilidades práticas a serem acrescentadas e pensamentos que podem variar e enriquecer a produção. Uma peça teatral encenada por professores que, nesse sentido se apresenta como um ator, pois cria, encena, interpreta papéis, personagens e gera diferentes reações a cada ação. Na continuação estão as cenas de uma aula artistada, ou seja, uma representação artística vivenciada da prática docente.

2 - CENAS DE UMA AULA ARTISTADA

PERSONAGENS

MORTO

VIÚVA

A AMANTE (do morto)

O AMANTE (da viúva)

IRMÃO (do morto)

PRIMA LEGISTA

TIA MÉDICA

FOTÓGRAFA

AMIGO

CURIOSOS (estudantes que escolheram participar dessa aula)

Cena I – A espera

Campus da UFFS Cerro Largo. Entrada do Auditório, que era uma Capela, e para a ocasião cumpre seu papel de Capela. Ambiente com pouca iluminação. A porta da Capela está fechada e os estudantes aguardam o momento de entrar.

CURIOSOS

- O que vai acontecer aqui? Não estive na última aula...
- Alguns estudantes da Pós-graduação vão realizar uma oficina da qual iremos participar.
- É sobre o quê?
- O tema versa a morte em uma perspectiva interdisciplinar.
- Morte! Interessante. Como vai acontecer?
- Não sei. Os professores informaram que devemos esperar aqui fora até o início da aula. Mas, quando alguém abre a porta da Capela, nós espiamos. Está um pouco escuro lá dentro. Há velas acesas, pessoas caminhando, objetos inusitados. Acho que tem até um caixão!
- Sério? Um caixão...

- Psit! Tem gente abrindo a porta.
- Vai. Fala outra coisa.
- Então. Vai ao Casarão hoje?
- Sim, depois da aula.
- Acho que também vou hoje. Talvez, depois de ouvir falar sobre morte, eu queira viver intensamente.



FIGURA 01 – Desenho sobre fotografia. Entrada da porta da capela da UFFS.

CENA II – A proximidade do morto

As portas se abrem. O irmão do morto (como parte dos requisitos dos familiares, já havia providenciado os itens necessários para o velório), cabisbaixo e triste pede para os curiosos entrar e assinar o livro de presença do velório. As pessoas entram observando os detalhes. Assinam o livro e caminham lentamente no corredor da capela em direção ao caixão. O Silêncio é constante em respeito ao ambiente e ao velório que está ocorrendo. Momentos de introspecção.

Conforme as pessoas caminham em direção ao altar pode-se ouvir suavemente a Marcha Fúnebre (terceiro movimento da sonata nº 2 para piano em Si bemol menor, op. 35). Uma composição de Chopin (Fryderyk Franciszek Chopin, 1810–1849). Ao se aproximar do caixão é possível ver o morto deitado e os familiares e amigos ao redor para receber as condolências.



FIGURA 02 – Desenho sobre fotografia. Familiares e amigos recebendo as condolências.

CURIOSOS - Meus sentimentos!

Uma curiosa cumprimenta a todos. Assim que um curioso toma a iniciativa, todos os outros repetem a ação. Abraços, apertos de mãos, pupilas dilatadas e olhares atentos.

- Meus pêsames! Que triste fim para um rapaz tão jovem.

VIÚVA – Súbito. Não parece ser verdade. Ainda não digerimos a idéia de sua perda.

O Amante da viúva toca seu ombro para confortá-la.

O AMANTE – Tudo bem? Quer sentar um pouco?

A viúva, sem responder, lança seu corpo em prantos nos braços do amante. Um misto de culpa, tristeza e tesão.

A Amante do morto se aproxima do caixão e toca levemente as mãos e o rosto do morto enquanto duas lágrimas escorrem fazendo brilhar a face pálida em contraste com o batom vermelho.



FIGURA 03 – Desenho sobre fotografia. Imagem do morto.

A tia médica e a prima legista ficam mais afastadas conversando sobre a causa da morte.

A fotógrafa registra significativas ações do velório até que visualiza o amigo do morto. Jovem homem. Rosto o qual ela mais se atém a clicar. Até se encorajar para cumprimentá-lo.

FOTÓGRAFA – Uma perda irreparável. Ainda mais para um amigo tão próximo.

AMIGO – Ele continuará próximo. São tantas lembranças, imagens e momentos agradáveis que, de alguma forma, ele sempre estará presente.

FOTÓGRAFA – Pode me procurar quando quiser compartilhar alguma história que vocês viveram...

AMIGO – Obrigado. Será uma satisfação.

CURIOSOS

– É assombroso ir a um velório de noite!

- O morto está gelado.
- Não toca, você nem o conhece.
- Que pena, era tão bonitinho. Não é?
- Será que se dermos um beijo na boca ele acorda?
- Rsrrsrrrsrs
- Para de ser assanhada. Não está vendo que tem gente chorando.
- Ei. Com licença. Deixem um espaço para poder passar.
- Vamos sentar aqui.

Após cumprimentar os familiares e amigos todos os curiosos e curiosas sentam. Os flashes continuam, agora focado sobre o morto. O feixe de luz lançado no escuro produz a sensação de movimento entre as piscadelas do olhar. Ilusão óptica, pois como haveria a possibilidade do morto se mover?

Na tensão entre os olhares o suposto morto senta no caixão.

MORTO - Quando eu morrer. Não quero tuas lágrimas regando a semente de morte que meu corpo será. Não quero a chama de tua vela para minha alma iluminar. Nem meu nome saindo de tua fala para meu sono eterno não despertar. Não quero teu arrependimento para não aumentar meu tormento de querer e não poder voltar.¹

O morto sai do caixão, as luzes são acesas.

Cena III - A morte em debate

MORTO – A morte pode ser compreendida de diferentes maneiras de acordo com o tempo histórico vivido. Por exemplo: na pré-história encontram-se relatos de crânios humanos adornados e preservados separadamente de seus corpos. Na Antiguidade a sociedade Mesopotâmica e a sociedade Egípcia, principalmente a nobreza, sepultavam junto com os mortos objetos pessoais e alimentos, a fim de garantir que nada faltaria na passagem da vida para o mundo desconhecido da morte. Nos dias atuais, outra curiosidade é o fato de que enterramos os mortos a sete palmos do chão, se trata de uma conduta higiênica, a fim de evitar doenças e contaminação. Ou seja, em cada momento da história os mortos era tratados de maneiras diferentes.

¹ ARDRONN, Leonardo. **Quando eu morrer**. Site de Poesias. Acesso em 24 de setembro de 2012, às 09h no site: <http://sitedepoesias.com/poesias/31645>

CURIOSOS – De que maneira você foi tratado? O caixão é confortável?

MORTO – Provavelmente seria enterrado dentro de um caixão no chão. E a resposta da segunda pergunta é não. O caixão não é nenhum pouco confortável. Minhas costas estão doloridas... Também estou com sede e um pouco fraco.

O morto é levado para ser examinado pela tia médica. O amigo e o irmão acompanham. A fotógrafa se levanta para mais alguns cliques. A prima legista toma a frente e fala a todos os presentes.

PRIMA LEGISTA – Como vocês podem observar, organizamos alguns objetos que remetem à morte nessa mesa da frente. Gostaríamos que todos ficassem a vontade para selecionar um objeto, a fim de falarmos um pouco mais sobre os acontecimentos dessa noite e o tema circundante.

Uma curiosa se aproxima e escolhe um objeto.

CURIOSOS – Laço preto. A cor preta para mim e para a nossa cultura remete ao luto.

A VIÚVA – Isso mesmo. Para nossa Cultura remete ao luto, a perda, a sobriedade e respeito pela dor da perda. No entanto, para algumas culturas orientais, por exemplo, a morte não é encarada como dor e sim como transformação. Nesse sentido, a cor que acompanha o luto não é o preto, mas sim, o branco.

CURIOSOS – Anteriormente, quando eu cumprimentei a Senhora, lembro-me de sua fala. A Senhora dizia que não havia digerido ainda essa dor da perda. O que questiono é quanto tempo necessitamos para que a dor deixe de ser intensa e se torne lembranças alegres do vivido.

VIÚVA – O tempo para se recuperar do luto e elaboração a perda de um ente querido demora cerca de um a dois anos. Existe um curso de extensão de Tanatologia – Educação para a vida e para a morte, uma abordagem plural e interdisciplinar, ou Pós-graduação em Perdas e Lutos, que também trata sobre questões relacionadas à morte. É interessante porque há possibilidade de estudar e compreender um pouco mais sobre esse assunto que levanta tantas interrogações. Por exemplo: como lidar com a perda, como colaborar para que a pessoa possa ter uma morte tranqüila e bem assistida, seja por médicos, familiares e amigos, ou seja, um processo educativo para a morte, um convite a interdisciplinaridade.

CURIOSOS – Posso pegar outro objeto que está sobre a mesa

VIÚVA – Claro, fique a vontade.

A curiosa escolhe o objeto e mostra para todos.

CURIOSOS – Escolhi uma flor. Durante a vida poucas vezes presentearmos as pessoas com flores, mas quando morrem sua lapide é pequena para aglomerar tantos arranjos e coroas. Um pouco injusto não acham?

A AMANTE – A flor pode ser levada para um funeral como forma de demonstrar respeito e carinho para a família e a pessoa que faleceu. Mas, concordo que essas demonstrações devem ser realizadas muito mais em vida, com a presença, participação, atenção dada as pessoas que gostamos.

Outra curiosa levanta-se e escolhe o terceiro objeto. Um crânio humano. Apontando para o crânio questiona assombrada:

CURIOSOS – Isso não é de verdade?

FOTÓGRAFA – Não. É produzido a partir de moldes com resina e fibra de vidro. Simulando um crânio humano adulto em tamanho natural.

CURIOSOS – Se eu segurar o crânio elevando minha mão e fitando-o firme nos olhos... só resta dizer como Shakespeare em Hamlet: “Ser ou não ser. Eis a questão”.²

FOTÓGRAFA – O crânio também remete a um conceito conhecido da História da Arte chamado *vanitas*, que do latim significa vaidade. Uma série de obras de arte, principalmente na Europa do séc. XVI até o séc. XVIII destacavam o crânio como elemento central a pintura, pois questionava as nossas vaidades. *Vanitas Vanitatum et Omnia Vanitas*. Vaidade das vaidades, tudo é vaidade, já dizia o Sábio Salomão (Eclesiastes 1:2). Uma espécie de advertência afirmando que tudo é vaidade. É correr atrás do vento. Que a vida é breve para nos determos a bens materiais, sentimentos levianos e prazeres terrenos, entre outras vaidades que não nos acompanharão para a eternidade. Toda *Vanitas* é uma forma de *memento mori*. (literalmente, lembre-se que hás de morrer, em latim)³, ou seja, a morte é algo inevitável. CURIOSOS – Com freqüência as falas populares também relembram que a única certeza da vida é a morte. Não há como escapar.

FOTÓGRAFA – O crânio também é uma imagem do morto que lembra constantemente a morte. Não vemos a morte, mas vemos o morto. Lembre-se de que hás de morrer!

O amigo, o irmão, a tia médica e o suposto morto se aproximam e sentam.

² SHAKESPEARE. 2000, s/p.

³ WITECK, Ana Paula Gomes. **Exposições de arte contemporânea dedicadas à Vanitas: um retorno do gênero?** Revista CON{FLUÊNCIAS}. Florianópolis, 2011. Acesso em 22 de setembro de 2012, às 20h no site: <http://ppgav.ceart.udesc.br/ciclo6/artigo02.pdf>

Outra pessoa é convidada para escolher um objeto que está sobre a mesa.

CURIOSOS – O objeto que mais me interessou foi essa imagem. Parece distorcida e com cores fortes. O que é isso?

TIA MÉDICA – É uma célula humana. Para que haja vida é necessário que nosso corpo, nossas células funcionem, na sua grande maioria. Para falar sobre a morte biológica existem dois processos básicos de morte celular. A morte celular por Apoptose: Também é conhecida como morte celular programada, ou seja, a célula dura de acordo com o seu tempo de vida determinado. Vive como está programada para viver. Já a Necrose: É uma morte celular não programada, que geralmente provém de uma lesão que causa a morte de células.

CURIOSOS – E se a morte tivesse ocorrido de forma natural em virtude do coração bater cada vez mais devagar. Como se daria a morte celular da pessoa?

TIA MÉDICA – Nesse sentido, as células vão morrendo aos poucos. Se o coração não bate o suficiente, chega pouco sangue ao pulmão. Com pouco sangue no pulmão não é possível enviar oxigênio para as células para manter as condições vitais. Sem oxigênio não há metabolismo e sem metabolismo as células morrem. É importante frisar que uma pessoa não é considerada clinicamente morta se apresenta apenas ausência de respiração e circulação, mas sim após a comprovação de sua morte cerebral.

PRIMA LEGISTA – Muitas mortes podem parecer de causas naturais, no entanto escondem assassinatos arquitetados. É possível descobrir isso a partir da perícia criminal que utiliza um produto chamado luminol, pó de fórmula química $C_8H_7O_2 N_3$. O luminol, de patente brasileira, ao reagir com outras substâncias e entrando em contato com o sangue, possui a característica da quimiluminescência, ou seja, ele brilha em virtude do ferro presente na hemoglobina que funciona como um agente catalisador. Aos nossos olhos, produz um brilho azulado fluorescente, principalmente sob o efeito da luz negra. Mesmo depois de lavar 10 vezes é possível detectar onde há vestígios de sangue. Esse produto sofisticado que é o luminol pode ser encontrado também no nosso cotidiano, nessas pulseirinhas brilhosas utilizadas em casas noturnas que podem ser adquiridas facilmente. O brilho coloridos das pulseiras varia de acordo com os corantes utilizados juntamente com o luminol.

CURIOSOS – Podemos utilizar o luminol dessas pulseirinhas para detectar sangue em qualquer lugar?

PRIMA LEGISTA – Já fiz o teste e afirmo que não é possível. Porque na pulseirinha já ocorreu a reação química (quimiluminescência), do luminol com as outras substâncias e os corantes.

O IRMÃO – Para mim a morte é muito mais do que eventos biológicos ou reações químicas. Ela traz consigo uma dimensão social. Olhem para essa capela! A morte também traz consigo reflexões psicológicas, filosóficas, antropológica, histórica, espiritual, estética, pedagógica... . A morte coloca o ser humano diante de questões essenciais.

CURIOSOS – Afinal, o que é a morte?

O IRMÃO – Essa pergunta pode ser explanada sob diferentes pontos de vista. Eu não sei o que é a morte. Eu não vejo a morte, não consigo descrevê-la.

CURIOSOS – Então, o que é a morte para o morto?

MORTO – Como um sono sem sonhos. Um sono sem sonhos do qual acabo de despertar. Essa foi minha experiência. Mas, não morri de fato.

O AMANTE – As dúvidas mais freqüentes relacionadas à morte possuem um cunho espiritual, ou religioso, arraigado nas respostas. Nesse sentido, cada um explica a morte, principalmente a possibilidade de uma vida pós-morte de acordo com suas crenças. Por isso, considero que essas reflexões interdisciplinares podem ampliar a compreensão.

CURIOSOS – Pelo simples fato de poder falar abertamente sobre um assunto tenso que remete a fatos ou circunstâncias dolorosas, já colabora para aliviar o fardo e as dúvidas.

A AMANTE - O mundo ocidental transformou a morte em tabu: ela costuma ser ocultada das crianças e banida das conversas cotidianas. Tudo aquilo que possa lembrá-la, como a enfermidade, a velhice, a decrepitude, é escamoteado. Desde os tempos mais remotos, os homens percebiam a morte como elemento antagônico, adverso, contrário à vida, ao invés de percebê-la como parte integrante e inseparável dela.

AMIGO – Ao ver meu amigo no caixão e saber que eu continuo vivo me incita a questionar o que farei da minha vida? Começarei a ter outros hábitos? Realizarei alguns desejos? Trabalho demasiadamente que é como se eu estivesse morto para as pessoas que mais considero, pois não faço contato com eles. Uma espécie de Morte em vida. Não quero morrer, mas também não aproveitamos a vida e o que ela proporciona.

FOTÓGRAFA – Essa morte em vida, ou existência em morte, que você comentou remete as obras do Médico Alemão Günter von Hagens, que tem sua fama ligada a técnica de plastinização, desenvolvida em 1978. Durante um processo a vácuo, a plastinização substitui os fluidos corporais e a gordura com polímeros reativos, tais como silicone, borracha e resinas. Sendo que, apresenta a vantagem de ser uma técnica de conservação seca e inodora, mantendo o relevo natural das superfícies do corpo. Hagens organiza os corpos plastinizados em posições dinâmicas. Um show de horrores para alguns. Uma exposição de arte contemporânea para outros. O fato é que estamos lidando com cadáveres. Com corpos, como os nossos, mas mortos e que não se decompõe. Corpos que “abdicam dos rituais dos funerais, dos velórios, das carpideiras, do caixão que desce ao buraco de terra, das cremações, e nos confundem com os rituais das galerias, que constroem nossos olhares entre o pecado do desrespeito pelo próximo e a admiração pela técnica.”⁴. Uma arte do “assim para sempre” totalmente profana. Aqui não há um ideal sagrado para a manutenção dos corpos como as mumificações do Antigo Egito. Também não se trata de uma beleza clássica, pois não há pele ou identificação de rostos, o que permanece é a proporção do corpo, os órgãos, os músculos, o interior. Da mesma forma, não há qualquer traço de romantismo, de sublime, de idealizações, o que existe é o terror, o sinistro, o asco, a repugnância, apesar de o corpo estar limpo, sem cheiro e sem expressão. Vigora o terror que contrapõe a curiosidade, a ânsia de ver aquilo que não se suporta. Os corpos de Hagens são fantasmas tridimensionais, um corpo prisioneiro que não completa seu ciclo. Que não retorna ao pó do qual surgiu. Hagens transgride toda a identidade do sistema da morte ⁵. Então, aparece como arte, objeto de curiosidade, abjeto, espetáculo, desvio da tradição artística, de como ver a arte, de como reagir a arte.

AMIGO – Uma reflexão constante a cerca do morto, da morte e do que fazemos com os mortos. Estar de frente ao morto proporciona a reflexão sobre minha vida e morte. Morremos e nascemos todos os dias. A cada momento um pouco de nós se vai para um outro pouco nascer. Não falo isso apenas biologicamente a partir da renovação das células, ou da morte carnal, mas falo de nossas concepções. Por exemplo, Blanchot percebe a morte uma possibilidade de nascimento. A morte se apresenta como o desnudamento do significado das coisas, a perda de todo o

⁴ KONESKI. 2007, p. 169

⁵ SALABERT, 2004

fundamento, desintegração do modo de ver as coisas, a morte de conceitos para a compreensão de outros que irão nascer.

FOTÓGRAFA - A partir dessa perspectiva, a expressão artística seria um exemplo de morte para Blanchot. Pois, para poder fazer arte é necessário desgarrar-se do mundo. “a própria obra é uma experiência da morte”⁶

AMIGO – Findou-se o tempo do artista preocupado com o belo na arte. O artista hoje se mantém no “ponto de interseção de relações infinitas, lugar aberto e como que nulo onde se entrecruzam destinos estranhos”⁷. Não por acaso que vemos um médico alemão apresentando corpos mortos em uma galeria de arte. Mas, o importante a se destacado aqui é que morremos a cada instante. Como parte integrante da vida, biologicamente e, principalmente, no desmoronamento de nossas concepções.

O AMIGO se aproxima FOTÓGRAFA e sussurra em seu ouvido

AMIGO – Gostei muito das suas colocações.

FOTÓGRAFA – Também achei interessante suas falas. Nós nos completamos.

AMIGO – Completamo-nos.

As luzes são apagadas. Fundo musical suave com violinos. O suposto morto volta para o caixão.

Cena IV – A despedida

Poucas luzes são acesas. É possível ver o morto deitado no caixão. A atmosfera introspectiva retorna. Silêncio. O AMANTE pega o violão e entoia alguns versos recorrentes no canto de funerais: Segura na mão de Deus e vai. Curiosos acompanham em coro.

Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus,
pois ela, ela te sustentará
Não temas segue adiante e não olhe para trás
Segura na mão de Deus e vai
Se as águas do mar da vida quiserem te afogar
Segura na mão de Deus e vai
Se as tristezas dessa vida quiserem te sufocar
Segura na mão de Deus e vai
Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus,
pois ela, ela te sustentará

⁶ BLANCHOT. 1987, p. 90

⁷ BLANCHOT. 1987, p. 152

Não temas segue adiante e não olhe para trás
Segura na mão de Deus e vai.⁸

O coro se encerra e as luzes são acesas.

Cena V – Ponderações

Os curiosos voltam a sentar. Então, cada Professor e cada Professora, questiona aos estudantes: qual foi o tema dessa aula? Havia apenas um tema ou dois temas norteadores? Quais as disciplinas relacionadas com os temas abordados (Morte e Interdisciplinaridade)? O que entendem por interdisciplinaridade? Quais as áreas de conhecimento e atuação de cada um dos participantes do grupo? Só então, os Professores e as Professoras se apresentam, falam o nome, de onde vem e esclarecem com qual componente curricular trabalha nas escolas, qual graduação que realizou e porque realizam a pós-graduação em Interdisciplinaridade.

MORTO – encenado pelo Professor Bruno. Área do conhecimento: História.

VIÚVA – encenada pela Professora Vera. Área do conhecimento: Pedagogia.

A AMANTE (do morto) - encenada pela Professora Paula. Área do conhecimento: Pedagogia.

O AMANTE (da viúva) – encenado pelo Professor Delmar. Área do conhecimento: Filosofia.

IRMÃO – encenado pelo Professor Cleber. Área do conhecimento: Letras Português.

PRIMA LEGISTA – encenada pela Professora Eva. Área do conhecimento: Química.

TIA MÉDICA - encenada pela Professora Aniebe. Área do conhecimento: Biologia.

FOTÓGRAFA – encenada pela Professora Maristela. Área do conhecimento: Artes.

AMIGO - encenado pelo Professor Adriano. Área do conhecimento: Filosofia e Ensino Religioso.

Os Professores e as Professoras agradecem a participação de todos e todas.

CURIOSOS – Aplausos. Vamos tirar foto com o morto!

⁸ MOTTA, Nelson Monteiro da. **Segura na mão de Deus**. Música interpretada por César Menotti e Fabiano. Acesso em 24 de setembro de 2012, às 23h no site: <http://www.vagalume.com.br/cesar-menotti-fabiano/segura-na-mao-de-deus.html>

Os curiosos rapidamente se aproximam, pousam para fotos e conversam com os professores a respeito da ação.



FIGURA 04 – Desenho sobre fotografia. Participantes da Prática Pedagógica.

Delineamentos

O segundo capítulo do trabalho apresentou a prática pedagógica executada pelo grupo sob uma perspectiva artística teatral. Isso porque muitos elementos do teatro apareceram constantemente ao longo da pesquisa e execução da aula. Por exemplo: o roteiro a ser criado e redigido (primeiro capítulo), os ensaios, o entrosamento entre os colegas de trabalho, as falas, as cenas da prática pedagógica, o improviso, a aproximação com o público/estudante, a construção do cenário, o cuidado com a luz, o som, o tempo, o espaço, a continuidade das falas, dos gestos, as reações, o inesperado, a expectativa, a aprendizagem e muito mais.

O terceiro capítulo continua a reflexão sobre a relação entre uma aula uma peça teatral a partir, principalmente, da figura docente que entra em cena e encena

diferentes personagens, experiências, possibilidades, saberes e como a sua atuação pode colaborar na aprendizagem dos estudantes.

3 – O DOCENTE (EM)CENA

O mundo inteiro é um palco, onde homens e
mulheres são apenas atores.
Shakespeare

A frase de Shakespeare, resumo a intenção final do presente trabalho escrito, ao pensar-nos, homens e mulheres, como atores. Aqueles que atuam, que são ativos, representativos, que desempenham não apenas um, mas diferentes papéis. Pensando mais especificamente na educação pode-se dizer que o papel do professor e da professora é atuar no ensino e para o ensino e aprendizagem.

Como no teatro, onde atores buscam atrair a atenção do público presente, assim busca o professor envolver os estudantes na sua de aula. O espaço é outro – não o teatro, mas a sala de aula. O público é diferente – não os espectadores, mas os estudantes. O objetivo é diferenciado – não o entretenimento estético, mas a aprendizagem. No entanto, a busca é a mesma, seja indo ao teatro, seja nos dirigindo para a escola, queremos sedução. Encantamento. Envolvimento. Cumplicidade entre as partes envolvidas. Ensinaamentos.

Nesse processo de sedução ocorre um jogo onde não há vencedor nem vencido, pois implica em uma troca ritual ininterrupta. Seduzir consiste em desafiar o outro a ingressar neste jogo e querer ser seduzido, permitindo-se seduzir. Na verdade, a sedução, nada mais é do que um encantamento. (BAUDRILLARD. 1991, p. 62). Encantamento nas relações interpessoais, encantamento pelo conhecimento em diferentes pontos de vista acerca de um assunto, encantamento em aprender, estar curioso e motivado para algo que nos interessa.

Na sedução da sala de aula o professor e a professora usam máscaras. Não uma máscara literal que cobre o rosto como no teatro grego. Mas, uma máscara no sentido junguiano de representar uma persona (JUNG. 1985, p. 32). As máscaras, dessa maneira, são os diferentes papéis que representamos socialmente em circunstâncias ou locais diferentes. Dentro da sala de aula uso a máscara de professora, a persona docente, onde meu papel é ensinar. Sendo que essa persona docente ainda possui uma infinidade de máscaras para serem utilizadas no ensino. Um ensino que pretende envolver, encantar, seduzir e ensinar os estudantes que são o principal motivo da escola e da docência.

Então, eis que aparece o docente em cena e o docente que encena. A vida como representação abre espaço para um professor ator. Aquele que cria, interpreta, age, experimenta, estuda, ouve, fala, representa, encanta, canta, dança, brinca, se entristece, ri, vive constantemente outros personagens e vive

constantemente outros saberes. Uma potência inesgotável de personas. “E, nessa perspectiva, fabula, varia, desloca, inverte, perverte, ensaia, experimenta” (NICOLAY. 2012, p. 8).

O professor e a professora em cena experimentam uma docência artística. O docente se reinventa constantemente, é devir, processo, subjetivação, singular, sensação, aprendizagem, pesquisa, “estuda, aprende, ensina, compõe, canta, lê, apenas com o objetivo de desencadear devires” (CORAZZA. 2008, p. 92), atravessando constantemente o que se tornou sem esgotar suas potências. Para Sandra Corazza, o docente extermina o sujeito constituído e requer uma concepção dinâmica, um indivíduo devir, que se modifica em uma docência artística vivenciada, em um processo de vida artistada.

Cada aula é uma cena. Cada cena um enigma. Cada enigma outra sedução. Para compreender um pouco mais sobre o conceito de cena no teatro e suas aproximações constantes com a sala de aula, explico a Cena com o sentido de uma subdivisão da peça total. Após cada soar da sineta da Escola, ou após os ponteiros do relógio marcar a hora certa, os estudantes terão mais uma cena interligada do seu período escolar ou acadêmico. Em cada cena deve haver um arranjo do espaço e conhecimento, de sedução nas falas, sendo que cada fala possui significados, cada gesto é um código que visa a comunicação e a aprendizagem.

Existem alguns ingredientes fundamentais que compõe uma cena, por exemplo: o tempo, o lugar, a continuidade e o ponto de vista (MALAK. s/d). Esses mesmos ingredientes participam das aulas. O tempo sempre regrado. O lugar é o espaço da escola. A continuidade que se pretende em cada aula. E o ponto de vista de diferentes pensamentos que permeiam entre professores e estudantes em uma aula (cena) e no contexto escolar.

A arte do teatro e a docência artística não se encerram num objeto, como em uma pintura, um filme, um vídeo, um software, uma fotografia, ou qualquer outra forma material que um objeto artístico possa assumir. O produto teatral e o produto escolar estão sempre em processo. Performance. Cessa quando a experiência acaba, retorna quando a experiência é retomada. Volta a ter significados quando, a aula interrompida pelo sinal, é retomada em um outro dia, seja nas conversas nos corredores, nas leituras em casa ou no próximo encontro da aula. Assim, desenvolvemos nossas experiências humanas, com as experiências da realidade, vividas por meio de sistemas sensoriais, processos cognitivos, complexos

lingüísticos, produtos afetivos, psíquicos, entre outros aspectos culturais e biológicos intercambiáveis. Este conjunto de sistemas presentes em nosso movimento escolar, familiar, social e individual é que irão nos significar/identificar/diferenciar.

Nesse caminho artístico, ou em qualquer outro caminho que trilhamos no contexto educacional como professores e professoras, se tornam mais significativos a partir de pares, parceiros de trabalho. Assim como no teatro busca-se uma afinidade de idéias e de companheiros de cenas, também na escola almeja-se encontrar parceiros de ação. E quando alcançamos um grupo que atuam juntos é um momento nobre, enriquecedor para o trabalho e encantador para os professores e estudantes. Essa união do grupo é uma das peças-chave do trabalho interdisciplinar.

A base do interdisciplinar é o grupo e a pesquisa. A prática interdisciplinar, que envolve diferentes disciplinas, necessita do coletivo de professores que se reúnem para decidir temas a serem pesquisados e trabalhados em uma determinada turma. Cada professor, a partir de sua área de conhecimento poderá realizar pesquisas sobre o assunto escolhido, para depois ser apresentado ao grupo e, somente mais tarde, trabalhado em sala de aula. Ao longo do processo de pesquisa e de aulas ministradas são realizados outros encontros para registrar as práticas, comentar, planejar, organizar, avaliar e enriquecer o ensino e a aprendizagem. Um movimento constante de pesquisa, leitura, aprendizagem, registros, encontros, aulas, conversas, reflexões e avaliações.

Felizmente durante a Pós-graduação posso dizer que encontramos um grupo que sente prazer, alegria, satisfação e encantamento em trabalhar juntos. Uma experiência que pode ser lembrada a partir desse registro monográfico escrito e estético. Não se pretende dizer que a interdisciplinaridade é o melhor caminho para a educação, mas que o interdisciplinar proporciona momentos de grande empenho, pesquisa, aprendizagens e ações enriquecedoras na prática docente, assim como encontros sociais empolgantes, fecundos e necessários entre colegas, extra-escola ou academia.

Todos nós participantes de uma experiência docente e discente somos indivíduos que existem, sentem e produzem. Na maior parte do trabalho abordou-se o professor em cena, mas há outro momento tão importante quanto esse, o momento de sair de cena. No caso dos professores e professoras, como qualquer ser humano, temos outras necessidades além do estudo e do trabalho supridas em

circunstâncias onde o docente sai de cena. Por exemplo: momentos de descontração, saída com amigos, família, preparação para outras cenas, sensação de trabalho efetivado, a preparação de um novo ano letivo, pausas para descanso, ensaio de uma nova docência artistada, experimentações, outros conhecimentos, diferentes caminhos, férias e momentos só. Isso, a fim de se renovar para mais uma apresentação, cena, falas ou saberes e com a alegria e expectativa de novos momentos a serem vividos. Após esse trabalho o grupo sai de cena, mas espera se reencontrar em outras oportunidades.

ATOS FINAIS

A construção de um texto possui na origem de sua palavra o tecer, a tessitura, o tecido, a amarração, a costura para que o conjunto seja coerente. No

presente trabalho buscou-se uma costura entre três capítulos, organizados cronologicamente, ou seja, na sequência dos acontecimentos da pesquisa/prática/reflexão. No entanto, não há necessidade de ler o trabalho na ordem apresentada, pois apesar de um capítulo dar base e complementar o outro, cada capítulo também possui uma existência própria.

O primeiro capítulo apontou o começo, a proposta inicial de se realizar um projeto que iria culminar em uma prática docente. Nesse sentido, o primeiro capítulo foi um roteiro que embasou a pesquisa e a prática pedagógica do grupo sob a via interdisciplinar. A grande questão era como trabalhar a interdisciplinaridade sem invocar constantemente o seu nome. Então, surgiu o instigante tema da morte para delinear a aula no trânsito constante pelas vias do interdisciplinar. Nesse sentido, ao final do trabalho, percebe-se que a problemática de pesquisa pode ser ampliada. Aqui se questionou quais as possibilidades de explorar o tema da morte suscitando relações interdisciplinares na prática docente. Mas, ao se trabalhar qualquer outro tema podemos nos questionar como suscitar a interação entre disciplinas para que o trabalho seja enriquecido e atraente.

A partir da escrita do projeto, das pesquisas, dúvidas e constantes conversas se iniciava a delimitação da aula de fato. Então entra o segundo capítulo que conta, sob a forma de teatro, partes interessantes dessa aula que pretendeu transitar nas vias da interdisciplinaridade, a partir do tema da morte e com o auxílio da arte, do teatro, para a representação de diferentes papéis e saberes por parte de cada professor e professora componente do grupo.

As idéias e a colaboração do grupo foi fundamental para a organização de todo o trabalho. Um processo de pesquisa, prática pedagógica e reflexões entrelaçados em todos os momentos. Prática pedagógica que será lembrada, que deixará saudades e estará marcada pela escrita desse texto.

Já, o último capítulo se trata de uma reflexão pós projeto e pós prática pedagógica. Uma espécie de avaliação, reflexão e constatações que mexe com alguns conceitos da arte, na aproximação com o docente com o ator e as práticas pedagógicas com cenas representadas, levando em consideração o desejo de seduzir, de encantar os estudantes.

O trabalho interdisciplinar em grupo foi um momento enriquecedor. Infelizmente se tratou de um trabalho isolado, mas se na prática docente diária nas escolas conseguirmos encontrar pares ou grupo de trabalho que se empenhe,

compartilhe, busque, reflita e encontre maneiras de atuar juntos, com certeza haveria muito mais encantamento na educação. Lembrando que o interdisciplinar não é a única nem a melhor maneira de se trabalhar, mas se trata sim de uma prática que pode vir a agregar ao trabalho docente, assim como no ensino e aprendizagem de docentes e discentes.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BAUDRILLARD, Jean. **Da Sedução**. Tradução: Tânia Pellegrini. 2ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 1992.

CORAZZA, Sandra Mara. **O docente da diferença**. Volume 1. Número 1. Rio de Janeiro: Periferia, 2008. Acesso em 05 de setembro de 2011, às 16h no site: <http://www.febf.uerj.br/periferia/v1n1/sandra-corazza.ped>

FAZENDA, Ivani. **Práticas Interdisciplinares na Escola**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. Campinas: Papirus, 1995.

JAPIASSU, Hilton. O Racionalismo Cartesiano. In: REZENDE, Antônio (org.). **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago editora Ltda., 1976

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Tradução: Dara Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1985.

KONESKI, Anita P. **Blanchot, Levinas e a arte do estranhamento**. Tese de Doutorado (Doutorado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2007.

NICOLAY, Deniz Alcione. **Pedagogia das Máscaras: aprender com o trágico**. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2012.

VOMERO, Maria Fernanda. **Morte**. Fevereiro de 2002. Revista Superinteressante. São Paulo: Editora Abril, 2002. Acesso em 09 de setembro de 2012, às 14h no site: <http://super.abril.com.br/cotidiano/morte-442634.shtml>

COHEN, Otavio; HUECK, Karin. **A morte como ela é. Setembro de 2012. Revista Superinteressante. São Paulo: Editora Abril, 2012**. Acesso em 17 de setembro de 2012, às 20h no site: <http://super.abril.com.br/saude/morte-como-ela-716687.shtml>

MALAK, Karl. **Escrita Criativa. Os segredos do escritor**. Acesso em abril de 2013, às 02h no site: <http://www.escritacriativa.net/escrita>

MOTTA, Nelson Monteiro da. **Segura na mão de Deus**. Música interpretada por César Menotti e Fabiano. Acesso em 24 de setembro de 2012, às 23h no site: <http://www.vagalume.com.br/cesar-menotti-fabiano/segura-na-mao-de-deus.html>

ARDRONN, Leonardo. **Quando eu morrer**. Site de Poesias. Acesso em 24 de setembro de 2012, às 09h no site: <http://sitedepoesias.com/poesias/31645>

SALABERT, Pere. **La Redención de La Carne: Hastio Del Alma y Elogio de La Podrición**. Murcia, Espanha: Cendeac, 2004.

SHAKESPEARE, William. **A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca**. Editora Virtual Books, 2000.

WITECK, Ana Paula Gomes. **Exposições de arte contemporânea dedicadas à Vanitas: um retorno do gênero?** Revista CON{FLUÊNCIAS}. Florianópolis, 2011. Acesso em 22 de setembro de 2012, às 20h no site: <http://ppgav.ceart.udesc.br/ciclo6/artigo02.pdf>

ZAGO, Nadir. CARVALHO, Marília Pinto de. VILELA, Rita Amélia Teixeira. **Itinerário da Pesquisa Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003